

COMO OS BRASILEIROS ACHAM QUE FALAM? PERCEPÇÕES SOCIOLINGÜÍSTICAS DE UNIVERSITÁRIOS DO SUL E DO NORDESTE

Resumo: Analisamos o componente cognitivo das atitudes linguísticas ante ao português falado no Brasil, considerando a dimensão da área dialetal (nordeste/sul) e da formação (estudantes universitários em geral/estudantes de Letras). Constatamos que a sociolinguística da produção e da percepção apresentam diferenças: nem sempre os fenômenos variáveis mais frequentes são os mais percebidos pelos falantes, relevando a necessidade de estudos que correlacionem a saliência de fenômenos do ponto de vista da produção com a saliência do ponto de vista da percepção.

Palavras-chave: Percepção. Crenças linguísticas. Indexicalidade. Português brasileiro.

1 Introdução

Em *Como falam os Brasileiros* (2002), Leite e Callou, a partir de amostras constituídas cidade de Porto Alegre, Rio de Janeiro, Salvador, Recife e São Paulo coletadas para fins do projeto Norma Urbana Culta (NURC), analisam o comportamento do /R/ e do /S/ pós-vocálico, assim como a variação entre “nós” e “a gente” para a expressão da primeira pessoa do plural, dentre outros, descrevendo os aspectos que caracterizariam a “fonética” e os “sotaques sintáticos” da “fala culta”, a partir dos quais seria possível traçar linhas imaginárias, tal como propunha Antenor Nascentes, definindo regiões dialetais no Brasil.¹ Ainda que o NURC não tenha se caracterizado como um projeto de cunho sociolinguístico em sua gênese, em fins da década de 1960, o encaminhamento descritivo proposto pelas autoras configura-se uma abordagem sociolinguística da produção. Campo produtivo no cenário brasileiro, esta abordagem sedimenta-se na proposta pioneira do Programa de Estudos da Língua (PEUL), na década de 1980, no Rio de Janeiro, sendo replicado em outras regiões do Brasil, em diferentes épocas, como o Projeto Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil (VARSUL), nos três estados da região sul, na década de 1990, e, mais recentemente, ampliando suas ações para outras regiões e se distanciando dos grandes centros (cf. SALOMÃO, 2012; FREITAG, MARTINS, TAVARES, 2012, SCHERRE, 2012, entre outros).

A sociolinguística da produção tem contribuído para a caracterização daquilo que chamamos de “Português Brasileiro”, com descrições de fenômenos variáveis em diferentes níveis linguísticos e em diferentes regiões e estratos sociais. O direcionamento do trabalho realizado permite identificar em que contextos novas formas surgem na língua, quais são os fatores estruturais que condicionam a variação e sugerir direcionais da consciência social do fenômeno, a

¹ Os primeiros estudos mais sistemáticos dedicados ao levantamento dos regionalismos linguísticos brasileiros remontam aos anos 1920: o *Dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, foi publicado em 1920 e versava sobre as especificidades do português do interior paulista; Antenor Nascentes, por sua vez, escreveu o *Linguajar carioca* (1922); a *Língua do Nordeste* foi redigida por Mário Marroquim (1934); Pereira da Costa elaborou o *Vocabulário pernambucano* (1937); *Estudos de dialetologia portuguesa: a linguagem de Goiás* foi publicado em 1944, e em 1951 foi lançada *A linguagem popular da Bahia* por Édison Carneiro, só para mencionar alguns (CASTILHO, 1972). Embora o enfoque deste trabalho seja sociolinguístico, considera-se pertinente retomar os primeiros discursos que sistematizaram as formas regionais da fala brasileira através de noções como “dialeto”, “linguajar” e “linguagem popular”.

partir da distribuição do fenômeno em função dos fatores sociais controlados na amostra. No entanto, não basta saber como o brasileiro fala; é preciso também conhecer “como o brasileiro acha que fala”², seguindo pela perspectiva da sociolinguística da percepção. Ademais, acreditamos ser pertinente refletir sobre como as representações sobre a língua (e variedades) faladas produzem efeitos, também, sobre rótulos como “brasilidade”, “regionalidade” linguística e “dialetos”.

A percepção de um fenômeno depende do julgamento do ouvinte, que correlaciona fatores sociais a traços sociolinguísticos, constituindo um padrão de consciência social na comunidade. O nível de consciência social é um aspecto relevante da mudança linguística (WEINRICH; LABOV; HERZOG, 1968). A partir da avaliação, as variáveis linguísticas costumam ser estratificadas em três níveis de apreciação social: os estereótipos, fortemente sensíveis à avaliação social, os marcadores, razoavelmente sensíveis à avaliação, e os indicadores, com pouca força avaliativa (LABOV, 1972). Eckert (2008), retomando Labov, defende que os estereótipos e marcadores operam como variáveis suscetíveis de percepção avaliativa e, com isso, emergem na variação estilística; os estereótipos seriam mais sensíveis à discussão metapragmática do que os marcadores. Consideramos que os usos linguísticos identificados pelos falantes operam como estereótipos. Já os indicadores são variáveis dialetais que diferenciam aspectos sociais ou geográficos, embora não possam ser situados no contínuo da formalidade por não demandarem alguma valoração.

Já na perspectiva de Silverstein (*apud* ECKERT, 2008), os indicadores funcionariam como indexadores de primeira ordem que definem traços genéricos de identificação, como os falantes de Nova York, de Detroit ou de Martha’s Vineyard; os estereótipos e marcadores operariam como indexadores de segunda ordem que passam a veicular significados identitários mais específicos, referentes a certos aspectos dos sujeitos. Com isso, Silverstein atribui uma dimensão ideológica à relação entre forma e sentido. Esses níveis de apreciação – que definem o que conta como estereótipo, marcador e indicador – não são estanques, homogêneos e estáveis, mas variam conforme as situações sócio-comunicativas, as experiências dos falantes, os projetos discursivos, entre outros: “a participação no discurso envolve uma interpretação contínua de forma em contexto, uma atribuição a cada momento de valores indexais a cada forma linguística”. (ECKERT, 2008, p. 463).³ Consideramos esses níveis avaliativos em termos de escalas gradativas

² “Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no português falado no Brasil” (Edital CNPq 14/2013) é um projeto de pesquisa interinstitucional, envolvendo Universidade Federal de Sergipe, Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal da Fronteira Sul e Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ao qual este trabalho está vinculado, cujo objetivo é a mensuração de atitudes e percepções de falantes, a fim de identificar marcadores, indicadores e estereótipos linguísticos que balizam os limites entre variedades, em contraste a estudo variacionista de fenômenos marcados nas comunidades (cf. FREITAG, ROST-SNICHELOTTO, 2015; FREITAG et alii, 2015).

³ No original: “Participation in discourse involves a continual interpretation of forms in context, an in-the-moment assigning of indexical values to linguistic forms” (tradução nossa).

relativamente fluidas – passíveis de serem relativamente sistematizadas – ao invés de tomá-las como categorias discretas ou como escalas lineares.

O que faz com que uma variável seja sensível ou não à avaliação em uma comunidade pode ser atrelado ao seu grau de saliência (linguística, social e ideológica). Um fenômeno linguístico saliente precisa ter uma explicação interna à língua, como a motivação do contexto fonológico, sintático, etc., e uma explicação relacionada a fatores extralinguísticos cognitivos, pragmáticos, ideológicos ou sociodemográficos; estas condições estão inter-relacionadas, às vezes de uma maneira natural, às vezes de uma maneira idiossincrática. O segundo fator explanatório é central para motivar o comportamento do falante em certa direção, e, por isso, central para a definição de saliência (KERWILL; WILLIAMS, 2002). As abordagens de saliência podem ser correlacionadas à dimensão quantitativa vs. qualitativa (FLAMENT, 1994), ou, ainda, a saliência pode ser resultado da distribuição da variável (YAEGER-DROR, 1993): processos de acomodação conscientes ocorrem com traços cognitivos mais salientes, enquanto processos de acomodação inconsciente ocorrem com traços cognitivos menos salientes.

No entanto, apenas a identificação da avaliação social das variáveis e variantes não é suficiente; é preciso adentrar no domínio da percepção e das atitudes. Na psicologia social, as atitudes são conceituadas como reações, positivas ou negativas, a algo ou alguém, e estão estruturadas em três dimensões: cognitiva (pensamentos e crenças), afetiva (sentimentos) e comportamental (uso). Em termos sociolinguísticos, a dimensão comportamental corresponde à produção: como o falante efetivamente fala, a frequência de recorrência de uma dada variante em uma comunidade; as dimensões cognitiva e afetiva correspondem à percepção. Como o falante acha que fala ou acha que deve falar (cognitivo) é a manifestação verbalizada, sem reações afetivas, acerca da sua crença sobre seus usos e sobre os padrões da comunidade. Como o falante julga aqueles que falam de determinado jeito (afetivo) é a manifestação de reações afetivas em relação ao objeto em questão. Na Sociolinguística, para mensurar atitudes, além do tratamento societal, de caráter etnográfico, colhendo dados a partir de várias fontes de domínio público, como documentos oficiais, propagandas, televisão e, também, redes sociais (FREITAG et alii, 2015), as abordagens podem ser de forma direta (perguntar aos falantes o que pensam sobre determinado fato da língua), mais propícia a captar dimensão cognitiva, ou indireta (submeter os falantes à apreciação de características linguísticas e pedir que as associe a traços psicossociais atribuídos aos seus falantes, e, por tabela, à variante em questão), mais propícia a captar a dimensão afetiva.⁴

⁴ O estudo de crenças e atitudes linguísticas no Brasil está fortemente associado a contextos de aprendizagem de línguas (BARCELOS, 2007) e de contatos (CORBARI, 2012; BUSSE, SELLA, 2012; entre outros), tratando de aspectos linguísticos específicos, como os róticos (BOTASSINI, 2009), ou desvozeamento de oclusivas (SCHNEIDER, 2008). Basicamente, estes trabalhos lidam com crenças, captadas por meio direto (perguntas em entrevistas). Poucos trabalhos lidam com atitudes propriamente, mensuradas por via indireta, por exemplo, o de Cardoso (2015), que aferiu o julgamento de arcajuanos acerca de diferentes dialetos brasileiros em presença de

Crenças e atitudes são elementos constitutivos da identidade linguística dos falantes, diferenciando regiões dialetais, modeladas pelas instituições sociais. Sendo a escola um espaço em que se constroem crenças e se modelam atitudes, consideramos pertinente verificar como os formadores da consciência linguística e disseminadores dos discursos sobre a língua – professores de Língua Portuguesa – se apropriam deste domínio, dado que diversidade e variedade são premissas fundantes dos programas de ensino de língua materna no Brasil (BRASIL, 1998). Em continuidade ao desenvolvimento do projeto “Como o brasileiro acha que fala? Estudos contrastivos de variação e identidade no português falado no Brasil”, apresentamos os resultados de um estudo acerca do componente cognitivo das atitudes linguísticas ante ao português falado no Brasil, considerando a dimensão da área dialetal (nordeste/sul) e da formação (estudantes universitários em geral/estudantes de Letras).⁵

Considerando a expansão e democratização do acesso à educação superior no Brasil nos últimos dez anos, pressupomos que o conceito de língua “cultura”, associado ao acesso à educação superior, aos moldes do que foi implementado pelo projeto NURC, está em transformação. Também pressupomos que alunos de Letras demonstrem a apropriação de teorias (sócio)linguísticas para caracterizar a sua percepção linguística (EDWARDS, 1982; SILVA, SIMIONI, 2015).

2 Metodologia

Optamos pela aplicação de um questionário para fazer um levantamento regional de crenças e atitudes. A coleta dos dados foi realizada por meio de instrumento eletrônico, com o auxílio da ferramenta *Google Forms*.⁶

O instrumento é composto por 10 questões, de três domínios de conteúdo: delineamento do perfil sociodemográfico (onde nasceu, onde mora, instituição e curso que estuda, faixa etária e sexo), crença linguística (definição da língua que fala, descrição de traços que caracterizam a língua que fala) e julgamento (como avalia a sua fala em relação ao falar de outro, como se sentiria se julgasse sua fala parecida com a de outro); neste trabalho, exploramos apenas as questões relativas às crenças. Os instrumentos foram disseminados por meio virtual em listas de disciplinas de produção de texto e redação acadêmica, que atendem a diferentes cursos de instituição superior,

estímulo, e o de Ramos (1996), que fez essa aferição em ausência de estímulo, considerando apenas a percepção de “sotaque”.

⁵ Salientamos, contudo, que outras abordagens podem também contribuir para os estudos das atitudes linguísticas a partir, por exemplo, de fatores ideológicos ou políticos (SEVERO, 2015).

⁶ Este instrumento não deve ser tomado isoladamente, mas deve ser visto em relação a outras formas de manifestação apreciativa sobre as práticas linguísticas regionais, em busca de um olhar mais contextualizado e comparado. É preciso considerar os riscos, como respostas de aquiescência (pessoas podem dar a resposta que elas sentem que o pesquisador quer) e respostas socialmente desejáveis (pessoas verbalizam as atitudes que elas pensam que deveriam ter, ainda que sejam de fato barradas).

não só Letras, das universidades participantes deste projeto (Universidade Federal de Sergipe, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Universidade Federal de Santa Catarina e Universidade Federal da Fronteira Sul) (Fig. 1).



Figura 1: Distribuição geográfica dos respondentes (Elaboração própria).

Foram preenchidos 225 instrumentos, dos quais oito foram eliminados pelo critério “região de residência do respondente” (Sudeste), e dois por não terem respondido totalmente a primeira questão, que é essencial para a caracterização do estudo. Os 215 questionários validados foram respondidos por estudantes universitários, com faixa etária média de 25 anos, 144 mulheres e 71 homens, dos quais 96 são da região Sul e 116 da região Nordeste, 88 de cursos de Letras e 137 dos demais cursos de graduação. A quantificação de categorias identificadas foi realizada, a partir das respostas; no entanto, para dar maior visibilidade à diversidade dos dados, foi realizada a análise também por meio do recurso gráfico de nuvem de palavras, que permite descrever as palavras mais frequentes em um corpus.⁷ A análise oscila entre os parâmetros região (Sul/Nordeste) e curso (Letras/outras cursos), em função da expressividade do comportamento dos respondentes.

3 Resultados e discussão

3.1 Que língua nós falamos?

A Constituição Brasileira (somente a de 1988), em seu artigo 13, apregoa que “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”. Aos universitários, foi perguntado “Como você descreve a língua que você usa no dia a dia? Que nome você dá a ela?”. Como a questão era aberta, as respostas foram diversificadas e seguiram cinco tendências (Fig. 2):

- avaliação da língua, por meio de adjetivos: “muito difícil” (21ccNE), “Fantástica!” (52ccNE), “Fundamentalíssima” (123ilS);⁸

⁷ Neste tipo de análise, o tamanho da fonte em que cada palavra é apresentada corresponde a uma função da frequência da palavra no texto: palavras mais frequentes são desenhadas em fontes de tamanho maior, palavras menos frequentes são desenhadas em fontes de tamanho menor. As palavras funcionais/relacionais foram excluídas. Esta estratégia de análise qualitativa, relativamente frequente em textos de internet, tem sido utilizada em estudos sobre atitudes linguísticas (OUSHIRO, 2015) e representações sociais (LIMA, SANTOS, 2016).

⁸ No código entre parêntesis, primeiro aparece o número do instrumento, em seguida a localização (c = capital, i = interior), o curso (l = letras, c = outros cursos), e a região (NE = Nordeste, S = Sul).

- correlação com o cotidiano, vernacular, normal: “Uma linguagem normal” (75ccS), “É uma língua que atinge seu objetivo, como todas as outras línguas naturais, que é a comunicação! Denomino a língua, usada no dia a dia, como popular.” (89cINE);

- identificação de uma variedade dialetal: “Português de natureza nordestina” (87ccNE), “Sergipianês” (84cINE); “Chamamos de ‘manezês’, ou seja, a fala do Mané, que é o nativo daqui. Ser manezinho é ter nascido em Florianópolis” (104ccS), “Nomearia como Português do Oeste” (42ilS), “Potiguar” (78cINE), “internetês” (100ccNE), “Conforme a região” (100icS);

- percepção de um ponto do contínuo de formalidade/informalidade: coloquial, informal, formal, “Eu considero a língua que uso no dia a dia como semi-formal” (113icS), “A língua que uso no dia a dia é informal, com frequência de gírias e palavras e expressões tipicamente do interior nordestino, além da maneira de falar que também torna-se típica (a produção dos sons de uma dada palavra). Língua ‘do povo do interior’” (8ilNE); e

- (a mais produtiva) denominação da língua: Língua Portuguesa, Português, Língua Brasileira, Brasileiro.

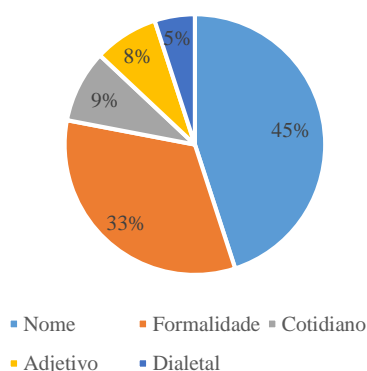


Figura 2: Distribuição das respostas quanto às tendências identificadas (Elaboração própria).

Na identificação da língua, predomina o nome e, em seguida, da percepção do contínuo formalidade/informalidade. O uso dos adjetivos, bem como de certos advérbios, aponta para tipos específicos de valoração, denotando a atitude dos falantes em relação à língua falada.

Sobre as formas de valoração da língua falada, Aguillera (2008) analisou as respostas à pergunta “que língua você fala” do questionário do projeto ALIB de 200 informantes das capitais brasileiras, estratificados quanto à escolarização, sexo e faixa etária; a autora constatou que apenas 16 respostas não se referiram ao português/língua portuguesa (oito declararam falar o brasileiro/língua brasileira e um, na confirmação da resposta, tomou português como sinônimo de brasileiro; dois disseram falar “língua nativa”; dois, “cuiabano”; dois declararam não saber que língua falam e outro, fala “gíria” – esses três últimos, a autora destaca serem do nível fundamental). Em nossa coleta, identificamos maior diversidade de denominações, inclusive com a menção à “língua brasileira”, em relação ao que Aguillera (2008) identificou, mas que do ponto de vista quantitativo, ainda se aproxima do discurso oficial (tab. 1).

Tabela 1: Respostas para o nome atribuído à língua (Elaboração própria).

Nome atribuído à língua	Nº	%
Língua Portuguesa/Português	86	73%
Português brasileiro/do Brasil	17	14%
Língua Brasileira/Brasileiro	8	7%
Variedades (nordestinês/manezês/misturês/potiguar/sergipanês/do Oeste)	7	6%

As formas de designação da língua falada pelos universitários apontam para uma identificação com um significado nacional, que emerge por “português brasileiro” ou “língua brasileira”. Além disso, a predominância da língua portuguesa nas respostas – em detrimento das variedades regionais, por exemplo – sinalizam para uma identificação sociocultural ampla que se sobrepõe aos limites da comunidade política nacional (FISHMAN, 1968). Assim, os respondentes interpretaram o “nós” da pergunta “que língua nós falamos” a partir de uma filiação a uma solidariedade nacional. Poucos foram os casos (6%) – mas ainda superior ao que Aguilera (2008) obteve – que se inscreveram em uma outra filiação, mais local e regional, fazendo emergir alguns signos que definem essa língua falada regionalmente, como manezês ou sergipanês. Uma observação a ser feita é o uso do termo “misturês”, que aponta para uma valoração que reconhece a mistura como forma de expressão linguística legitimada. Ademais, é pertinente considerar que a alta escolarização dos respondentes nos revela apreciações que foram, de certa maneira, institucionalmente moldadas e legitimadas pela instituição escolar, inclusive pelo curso de Letras (EDWARDS, 1982).



Figura 3: Nuvem de palavras a partir dos adjetivos dos respondentes (Elaboração própria).

As adjetivações usadas pelos respondentes sinalizam para apreciações valorativas que afetam as escolhas e os usos linguísticos, como é o caso dos estereótipos e marcadores (fig. 3). A oralidade (língua que nós falamos) é fortemente associada às ideias de coloquialidade e informalidade, reproduzindo uma visão dicotômica sobre fala e escrita que vincularia informalidade à fala e, por tabela, formalidade à escrita. Podemos aventar que se trata de representações sobre a língua que foram fortemente moldadas por uma tradição escolar que

prioriza as práticas de letramento (e o uso da modalidade escrita) em detrimento das práticas orais. Outras valorações vinculadas à fala seriam os termos *simples, com variações, cotidiana, comum, prática, regional e popular*. As representações construídas e ratificadas pela cultura letrada – em que os textos escritos tendem a veicular um maior prestígio social do que os textos orais – contribuem para a construção simbólica da fala em oposição à escrita, reforçando apreciações como “cotidiano” e “popular”. Consideramos que esses dados recolocam em tela a velha tensão entre oralidade e escrita, revelando que aspectos como informalidade, coloquialidade, simplicidade e regionalidade também emergem em práticas de letramento.

3.2 Como falamos em relação ao outro?

Como os falantes identificam a sua forma de falar? A percepção de diferenças linguísticas está associada a processos de difusão e focalização dialetais (LE PAGE; TAUBET-KELLER, 1985) e acomodação e divergência (GILES, 1980), que envolvem, no nível do falante, a sua consciência e saber linguísticos e o discurso sobre a língua. Independentemente da região ou do curso, as respostas foram, majoritariamente, “sotaque” e “gírias” (fig. 4). Por ser mais associado à percepção do que à produção, o conceito de sotaque é pouco adotado na literatura sociolinguística brasileira, mas muito presente no discurso sobre a língua. O sotaque é baseado na percepção do falante em função do contraste com a fala do outro, no nível articulatório (pronúncia), segmental e suprasegmental. O nível morfosintático também costuma ser afetado, em maior ou menor grau, derivando os “sotaques sintáticos” (LEITE; CALLOU, 2002, p. 51). A partir da percepção de sotaque, um falante pode ser indexado por outro a uma determinada região ou origem geográfica, ou então a determinado segmento social, como nível de escolarização, por exemplo. Acreditamos que a permeabilidade de elementos da oralidade à indexação de valorações, fazendo emergir estereótipos e marcadores, é efeito das políticas de constituição da norma linguística brasileira que, de forma geral, priorizaram a modalidade escrita e o nível gramatical, em detrimento da oralidade e dos níveis articulatórios, segmental e suprasegmental. Exemplificando as poucas tentativas institucionais de normatização da fala brasileira, foi o Primeiro Congresso de Língua Nacional Cantada, em 1937, que selecionou a pronúncia carioca como modelo (CASTILHO, 1962).

Os resultados revelam que o sotaque nordestino vem adjetivado: é “nordestino”, “arrastado”, “cantado”, “forte”, “puxado”, “engraçado” (fig. 4). A fala é “exagerada” e “desleixada”, “crua” e com “simplicidade”, marcada pelas gírias locais, da região, expressões populares, palavras peculiares. Embora os instrumentos tenham sido dirigidos para locais específicos do Nordeste (Sergipe e Rio Grande do Norte), para muitos respondentes, as características são extensíveis a toda região: “A região que moro tem um sotaque ‘cantado’, bem característico da região nordeste” (69gNE); “Os sotaques típicos do Estado e da Região Nordeste e algumas gírias que também são

típicas da região” (87gNE); “Fala de pessoas nordestinas” (39gNE).⁹ O termo “regionalismo” apareceu majoritariamente nas respostas da região Nordeste, e não nas do Sul.



Figura 4: Características gerais depreendidas das respostas à pergunta “Que características você acha que permitem reconhecer a forma de falar da sua região?” pelos respondentes do Nordeste (Elaboração própria).

Embora a fala da região Sul também seja associada ao sotaque e às gírias (fig. 5), a influência/interferência de outras línguas, particularmente o alemão e italiano (para os respondentes do interior) e a influência açoriana (para os respondentes da capital) e gaúcha foram apontadas na caracterização da fala, conforme relatam os excertos abaixo:

- No interior do estado: “sotaque forte, com algumas interferências do dialeto italiano ou alemão” (82icS), “traços de outras línguas (principalmente alemão e italiano)” (90ilS), “Traços linguísticos que retratam a influência da colonização italiana na região” (148icS), “influência de línguas minoritárias tanto na fonética quanto no léxico” (32ilS)

- No litoral: “Característica açoreana, donde herdou-se ‘Manezinhos da Ilha’ ” (146ccS) “‘português açoriano’, com dicção rápida” (201cIS); “Embora quase todo o litoral catarinense tenha sido colonizado por açorianos, o modo de falar varia bastante. Talvez o ritmo empedado na fala seja uma característica importante, um jeito mais apressado de falar, quase nervoso.” (202ccS)



Figura 5: Características gerais depreendidas das respostas à pergunta “Que características você acha que permitem reconhecer a forma de falar da sua região?” pelos respondentes do Sul (Elaboração própria).

⁹ Recentemente, uma apresentadora de televisão de Sergipe, mas que atua em rede nacional, postou uma foto em uma rede social e recebeu um comentário relacionado à sua forma de falar, que mudasse o ‘sotaque’, pois não estava mais no estado seu estado. Em resposta, a apresentadora pediu que “respeitasse o estado de Sergipe e o sotaque nordestino”. <http://br.blastingnews.com/brasil/2016/02/renata-alves-da-record-responde-internauta-que-agiu-com-preconceito-contra-nordestinos-00788367.html>. Tal resposta sugere uma percepção de unidade na variedade nordestina.

As respostas foram analisadas em função da identificação de aspectos linguísticos mais específicos que pudessem permitir a identificação de características dialetais. Segmentamos os resultados em traços prosódicos e suprasegmentais, traços fonológicos, traços morfossintáticos e traços lexicais. Embora tal segmentação tenha um papel metodológico pertinente para ilustrar detalhadamente os estereótipos e marcadores, consideramos que a construção das representações linguísticas regionais opera de forma integrada, agrupando diferentes traços linguísticos (e não linguísticos) que compartilham diferentes graus de valoração social local e que, porventura, também são compartilhados por falantes de outras localidades geográficas (SEVERO; SOUZA, 2015).

3.2.1 Traços prosódicos e suprasegmentais

A velocidade da fala pode ser mensurada a partir das taxas de elocução (número de segmentos por minuto) e de articulação (razão de segmentos em um intervalo de fala). Embora ainda restritos, estudos de natureza acústica têm evidenciado diferenças nas taxas de elocução, como Meirelles e Gambarini (2011), com falantes de Minas Gerais (taxa de elocução = 6,3), São Paulo (6,6), Bahia (4,2) e Espírito Santo (4,0). Nunes e Dias (2014) identificaram uma taxa de elocução para falantes de Florianópolis/SC de 8,4, o que coloca este falar na extremidade do contínuo de rapidez.

Tabela 2: Aspectos prosódicos e suprasegmentais identificados nas respostas.

	Nordeste	Sul
alongamento do final das palavras	1	-
fala arrastada	5	-
fala cantada	2	1
fala lenta	1	-
fala rápida	6	9
voz “fonha” (sic)	1	-

A percepção de rapidez ao caracterizar os falares reflete o que é constatado empiricamente pelos estudos (tab. 2): falantes do Nordeste apontam falar “arrastado” e “lento”, enquanto os falantes do Sul apontam a rapidez ao falar (muito embora falantes do Nordeste também advoguem que a rapidez é uma característica de sua fala): “A fala muito ‘apressada’” (03ccS); “A fala rápida das palavras” (20clS), “Forma de falar rápida, entonação aberta, dizeres populares e gírias comuns na minha região, etc.” (25ccNE).

Ainda que a percepção de características prosódicas seja afetada pela própria percepção de diferença (sempre o falar do outro é percebido como mais rápido e mais cantado), no caso de Florianópolis, parece haver convergência entre produção e percepção.

3.2.2 Traços fonológicos

A análise dos aspectos fonológicos presentes nas respostas aponta para duas direções: 1) a polarização de traços do Nordeste e do Sul, caracterizando a percepção de fronteiras dialetais; 2) a cientificidade/tecnicismo das respostas dos alunos de Letras face aos demais cursos. No Nordeste (tab. 3), quanto às vogais, o abaixamento das pretônicas é a característica mais saliente para a caracterização de sua própria fala; dependendo do curso, a caracterização é mais técnica, como em Letras: “O [e] e [o] abertos e a nasalização de algumas palavras como banana, caneca etc.” (139clNE)”, “A forma de pronunciar a vogal ‘e’ na altura média-baixa em posição de vogal tônica, pretônica e postônica medial” (204clNE). Tal fato demonstra a apropriação do vocabulário técnico linguísticos pelos alunos de Letras. Os falantes dos demais cursos percebem o alçamento, mas não conseguem defini-lo de modo tão claro: “A pronúncia do ‘e’ como ‘é’ etc.” (196ccNE), “A sonoridade mais grave na pronúncia das palavras como coração” (129icNE), “o Ê no lugar do Ê, o s mais puxado” (04clNE). O alçamento de vogais átonas finais, fenômeno relativamente estável, é percebido apenas pelos alunos de Letras: “Ê uma fala rápida, que dá prioridade às sílabas tônicas deixando assim de pronunciar direito as sílabas átonas finais das palavras.” (108clNE), “pronúncia do i em final de frase ao invés de e (ex: ‘sorrvetí’)” (198clNE) “A variação das vogais finais; a oral anterior média baixa [e] passa a ser produzida pelo falante como a oral anterior alta [i]. Algo similar ocorre com a oral posterior média baixa [o] que pode ser substituída na fala como a oral posterior alta [u].” (203clNE).

Quanto às consoantes, as realizações de /S/ em posição pós-vocálica são apontadas como características do falar, com adjetivações que sugerem uma fricativa glotal [h] – “Sotaque que puxa o R” (56ccNE)”; “Aspiração do ‘S’, em posição de coda silábica: ex. [‘mehmu’] (203clNE); “‘mar menina’ (mais menina), ‘mermo’ (mesmo)” – e uma fricativa alvéolo-palatal [ʃ] – “Características ligadas a forma de pronúncia das palavras, como por exemplo, a tendência de pronunciar a fricativa pós-alveolar surda depois da oclusiva alveolar surda” (47clNE), “O uso de gírias populares e o modo característico de pronúncia do fonema ‘s’.” (155ccNE).

A realização do /S/ em fala caracterizada como popular de Salvador/BA (relativamente perto de Sergipe, com comportamento bastante semelhante) apresenta o seguinte padrão de distribuição: 36% para a realização alveolar, 34% para a realização alvéolo-palatal (chiado), 15% de apagamento e apenas 14% de realização como fricativa glotal [h] (LUCCHESI, 2009, p. 88). Embora não se tenha estudo específico para Sergipe, podemos generalizar que a forma menos frequente do ponto de vista da produção é a mais saliente do ponto de vista da percepção de universitários.

No entanto, o traço fonológico mais percebido por todos os respondentes do Nordeste foi a realização de /t/ e /d/ oclusiva em contexto antecedente a vogal alta anterior: “Meu sotaque;

principalmente quando pronuncio palavras com ‘T’” (57ccNE), “O ‘T’ e ‘D’ sem chiado” (96ccNE), “Sotaque arrastado, as sílabas que possuem as letras T e D são faladas bem ‘secas’.” (104ccNE), “Não falar Txi e sim Ti” (136icNE), “o ‘t’ seco, mas não tão seco” (206ccNE), “realização oclusiva de /t/ e /d/” (212cNE). Somente um respondente referiu à realização africada de /t/, em ambiente seguinte a glide palatal: “oitcho (oito)...” (38ccNE).

A realização oclusiva de /t/ e /d/ em Sergipe está em processo de mudança: em amostra colhida em 2008, Souza Neto (2014) identifica a realização africada em 17% para /t/ e 6% para /d/, em Aracaju, com todas as escolarizações; em coleta de 2015, analisando três comunidades de fala – Aracaju, Itabaiana e Lagarto – e somente universitários, Aragão Souza (2016) identifica tendência à mudança, com 20% de realização africada em Aracaju, 21% em Itabaiana e 12% em Lagarto. Já a africada em posição seguinte a glide palatal, também denominada de “palatais baianas” na designação de Mota (2002), é um traço associado ao falar da região Nordeste como um todo, mas mais expressivo em Sergipe, Alagoas e interior da Bahia. A análise de dados do Alib (MOTA, 2008) aponta que este traço é fortemente correlacionado com escolarização: 3% na fala de universitários e 48% na fala de não universitários. Em coleta mais recente e aos moldes da sociolinguística variacionista, com estudantes do ensino médio de uma escola pública tradicional de Aracaju, o percentual de realização africada neste ambiente é de 11% (FREITAG et alii, 2016); em uma comunidade rural, esta realização é ainda mais alta: 29% (FREITAG, 2015). A percepção dos respondentes quanto à realização de /t/ e /d/, em contextos seguintes a vogal anterior alta, é convergente com a realização mais frequente; já no contexto antecedente à glide, a percepção é de um traço menos frequente. A saliência perceptual pode dar pistas sobre o nível de consciência do processo de acomodação (YAEGER-DROR, 1993).

Já o abaixamento das vogais pretônicas não é o fenômeno mais frequente, e sim o alçamento (FREITAG et alii, 2016). Talvez a percepção de que este seja o fenômeno mais saliente esteja relacionada ao fato de este ser um traço exagerado e estereotipado na representação de personagens nordestinas em novelas televisivas.

Tabela 3: Traços fonológicos apontados por respondentes do Nordeste (Elaboração própria).

	Letras	Demais cursos
/S/ com realização fricativa/laríngea	3	1
/S/ alvéolo-palatal	2	2
Vogais átonas finais	3	0
Vogais pretônicas	5	3
Realização oclusiva de /t/ e /d/	3	5
Palatalização de oclusiva seguinte a glide	-	1
Nasalização	1	
Monotongação	1	-
Queda /L/ e /R/ finais	1	-

A caracterização do falar dos respondentes do Nordeste conflui para uma relativa unidade dialetal, caracterizada pela realização do /S/ pós-vocálico como fricativa glotal “aspirada”, e como pós-alveolar, especialmente nos contextos seguintes a oclusiva alveolar. A abertura de pretônicas é outro traço fonológico percebido pelos informantes, independentemente do curso; a diferença está na definição do fenômeno, mais técnica, demonstrando apropriação das teorias (socio)linguísticas. No entanto, a percepção desse traço não parece ter correspondência na produção, sendo afetado por fatores externos, como a representação em novelas.

Na região Sul (tab. 4), os traços fonológicos apontados pelos respondentes diferenciam os falantes do interior (região em torno de Chapecó, oeste de Santa Catarina) dos de Florianópolis (litoral). Os aspectos fonológicos mais salientes da fala do interior são caracterizados pela influência de outras línguas, como o alemão e italiano:

- desvozeamento de consoantes: “O sotaque predominante da língua alemã, inclusive torna-se comum em minha cidade a troca do som de algumas letras, como ‘P’ por ‘B’, ‘D’ por ‘T’ e uma confusão na distinção do som de ‘S’, ‘C’, e ‘Z’.” (02ilS),

- realização do /R/ intervocálico como vibrante múltipla e do /R/ em início de palavra como tepe: “Pronúncia de somente um r onde são dois rr” (121icS), “A presença do fonema [R] em início de síbala (*sic*)” (120clS), “Regionalismo, influenciada pelos imigrantes italianos, ‘R’ carregado.” (48icS), “O R carregado/arrastado, exemplo: ‘RReunião’” (117icS); “Uma das mais marcantes é a ênfase no “r” - de vez em quando a gente ‘escoRega’”(95ilS); “Uso do ‘R’ tepe” (128ilS)

- abaixamento das átonas finais: “A forma de falar da minha região é facilmente conhecido devido ao sotaque ter traços dos dialetos alemão e italianos, e por produzir o fim das palavras foneticamente da maneira como é posta fonologicamente, por exemplo: leit[e], quent[e], fri[o]...” (34ilS), “palavras como leite, ou seja, que contêm o ‘e’ ao final, se pronunciam com o ‘e’ e não com ‘i’ (123icS)”

- realização oclusiva de /t/ e /d/: “[t] como em noiTE, diferenTE” (120icS), “A pronúncia do ‘R’ e do ‘Te’” (130icS)

Tabela 4: Características fonológicas apontadas por respondentes do Sul (Elaboração própria).

	Letras	Demais cursos
/R/	14	11
/S/	7	3
átonas finais	4	2
Realização oclusiva de /t/ e /d/	1	1
Realização palatal de /t/ e /d/	3	-
Desvozeamento de oclusivas	1	-
Redução de ditngos	2	-

No Sul, as regiões de Florianópolis e Chapecó se diferenciam quanto ao padrão de produtividade do /R/: na posição de ataque (início de palavra), a forma mais produtiva para Florianópolis é a fricativa velar [x], enquanto para Chapecó é o tepe [r]; para a posição de coda, em Florianópolis também é mais produtiva a fricativa velar. (BRESCANCINI; MONARETO, 2008). Chapecó recebeu, no início do século XX, intenso fluxo migratório, dentre os quais se destacam gaúchos descendentes de imigrantes italianos, alemães e poloneses, portadores de traços

físicos e culturais típicos desses grupos étnicos. Essas características ainda hoje marcam o perfil sociocultural e linguístico do município. A interferência dos dialetos italianos e alemães na fala dos descendentes pode ser verificada, por exemplo, no uso do tepe em contextos intervocálicos, como [karu] e [kaRu], ou em ataque, como [ratu] e [Ratu], no lugar da vibrante múltipla (SPESSATO, 2003).

Já a capital, Florianópolis, evidencia traços fonológicos relacionados à influência açoriana:

- realização africada do /S/: “O ‘s’ chiado, o falar rápido e o ‘r’ arrastado” (106clS), “S com som de x, bem puxadinho” (131clS)
- redução de ditongos: “Forte “chiado” nas sílabas plurais que lembra o carioca: doix, trêx, dex” (164ccS); “O fonema ‘dz’ na pronuncia de “día”, por exemplo, e o som de ‘x’ nas palavras ‘dez’ e ‘tas’”. (209clS)

Em Florianópolis, tanto a variante fricativa palato-alveolar em posição de coda, como a redução de ditongos decrescentes seguidos por fricativas em coda (BRESCANCINI, 2009) são associadas à herança portuguesa trazida pelos imigrantes açorianos. Para o primeiro fenômeno, Brescancini (2015) identifica como um caso de variação estável, com avaliação social positiva, por seu uso ser associado a falantes mais escolarizados. Essa tendência se reflete na percepção dos respondentes universitários de nossa amostra. Por outro lado, Haupt e Berri (2009), analisando fala não espontânea, encontram evidências de que a variante fricativa palato-alveolar tende a ser barrada por informantes de maior escolarização, sugerindo a necessidade de rever o valor atribuído à avaliação da variante. Em nossa coleta, o direcionamento do instrumento foi para a caracterização da fala, não incidindo sobre o juízo de valor. O que podemos afirmar é que o fenômeno é perceptualmente saliente para o público universitário.

A realização de /t/ e /d/, no Sul, também se diferencia: em Florianópolis, a realização mais produtiva ainda é a oclusiva, (PAGOTTO, 2004, DIAS, 2010), com a existência das variantes africada [tʃ] e aspirada [t^h], enquanto em comunidades com interferência italiana, como Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul (e, por extensão, Chapecó), ainda que a realização oclusiva seja a forma mais produtiva, não há evidências da realização aspirada (BATTISTI; DORNELLES FILHO, 2012).

Considerando os aspectos fonológicos percebidos pelos respondentes, pode-se traçar linhas dialetais perceptuais entre os falares do Nordeste e do Sul, e dentro dos falares do Sul. A influência de outras línguas, apontadas no momento de definir a língua que se fala em cada local, pode ser associada à percepção diferenciada. A explicitação de como o sotaque é percebido em termos fonético-fonológicos pode auxiliar no desvelamento do nível de consciência dos processos de acomodação, na medida que nem sempre os traços fonológicos evocados para caracterizar o falar são os mais salientes do ponto de vista da frequência de uso.

3.2.3 Traços morfossintáticos

Os “sotaques sintáticos” são, de modo geral, pouco salientes no nível perceptual. No entanto, ainda assim, foram mencionados, em especial pelos respondentes do curso de Letras (tab. 5). A percepção dos respondentes aponta para o pronome de 2ª pessoa do singular, *tu*, como um fator de dialeção: no Sul, o aspecto mais saliente é a relação de não concordância estabelecida com o pronome: “conjugação do tu geralmente fora da norma padrão” (94icS), “uso do pronome tu e das formas relacionadas a ele” (99clS), “O pronome tu” (06ccS).

No entanto, dois informantes do Nordeste apontaram o uso de *tu*: “Pelo sotaque, por falar rápido e ‘engraçado’, além do ‘tu’, que é da cidade, Ribeirópolis, onde morei na infância.” (70ccNE), “O uso do Tu” (150ccNE). É curioso o fato de o *tu* ser apontado como um traço característico do falar das regiões do Nordeste em questão. No mapa de pronomes de 2ª pessoa do português (SCHERRE et alii, 2009), Sergipe e Rio Grande do Norte estão sem representação; Silva (2015) identificou, em dados de conversação, 16% de uso de *tu* sem marca de concordância, na fala de Natal/RN; pelo que aponta um dos respondentes, existe *tu* em Sergipe, sinalizando a necessidade de realização de um estudo sobre a variação na 2ª pessoa do plural no estado.¹⁰

A percepção da ausência de marcação do plural foi evidenciada apenas por respondentes do curso de Letras.

Tabela 5: Aspectos morfossintáticos apontados pelos respondentes (Elaboração própria).

	Nordeste	Sul
Conjugação do tu	-	5
Uso do tu	2	6
Pouca marcação do plural	1	1
Diminutivos	-	1

O reporte do *tu* como marca que diferencia a fala se deu tanto entre respondentes do Sul como do Nordeste, com a peculiaridade de que no Nordeste este é um traço pouco produtivo; esta é uma pista sintática que pode auxiliar no desvelamento de fronteiras dialetais, do ponto de vista da percepção.

3.2.4 Traços lexicais

Do ponto de vista da percepção, a caracterização dialetal é bastante saliente no que se refere aos aspectos lexicais. É neste aspecto, por exemplo, que o Nordeste começa a se diferenciar, com expressões e palavras características para o Rio Grande do Norte, como “boy”, e para Sergipe, como “fidapeste”, “cabrunco” e “marrapaz”, para além do “oxe” e “oxente”, característicos da região como um todo (RAMOS, LIRA, ROAZZI, 2015).

¹⁰ Embora existam (o que o depoimento do respondente confirma), dados de *tu* como pronome sujeito não emergem em entrevistas sociolinguísticas. Em todo o banco Falares Sergipanos (FREITAG, 2013), há apenas uma ocorrência de *tu* na função de sujeito, e é em interação entre falantes com grau alto de proximidade, da região de Itabaiana (próximo de Ribeirópolis, cidade que o respondente apontou ser comum o uso de *tu*).

Rio Grande do Norte:

- “Palavras como boyzinha, galado, fuler(o), pinta.” (14clNE)
- “As gírias (boy, homi..)” (18clNE)
- “existem alguns traços semânticos que só existem aqui, como, por exemplo, as palavras de origem no idioma inglês que foram incorporadas ao dialeto potiguar, como boy (que acompanhado do artigo definido é usado para ambos os sexos – o boy ou a boy -, usado, também, no diminutivo para ambos os sexos – boyzinha e boyzinho)” (51clNE)
- “expressões como ‘rebolar no mato’ e ‘pegar o beco’” (150ccNE)

Sergipe:

- “uso do ‘oxe’ como exclamação, fala rápida muitas vezes reduzindo a palavra original. Durante uma conversa entre mulheres elas se referem como ‘mulher’ ao invés de se tratarem pelo nome próprio.” (96ccNE)
- “O sotaque lento e o palavras como ‘cabrunco’” (52ccNE)
- “Oxente, cabrunco, fidadepeste.” (97ccNE)
- “Mediante termos/expressões peculiares, como “vixe” ou “ixe”, “sostô”, “ôxe”(funcionam como espécie de interjeição)” (112ilNE)
- “Gírias, pronúncia, sotaque, expressões populares. Ex: Eita Cabrunco!” (16ccNE)
- “Oxente? O sotaque? Marrapaz!” (175ccNE)
- “gírias simples e características do Nordeste brasileiro, palavrões derivados de nome de doenças.” (188ccNE)

Em Sergipe, palavrões são característicos e marcas identitárias, especialmente aqueles derivados de doenças, como “peste”, “canço”, “cabrunco”, “teto”, “cranco”, “gota” (FREITAG, SANTOS, SANTOS, 2009). No Rio Grande do Norte, o termo de origem inglesa “*boy*” está entre os estrangeirismos que foram incorporados à fala cotidiana dos natalenses em um processo que provavelmente teve origem na influência da forte presença de soldados e civis norte-americanos na capital do Rio Grande do Norte durante a 2ª Guerra Mundial (cf. MELO, 1971).¹¹

No Sul, especialmente no Oeste de Santa Catarina, chama a atenção a interferência da cultura gaúcha, presente nos marcadores lexicais apontados pelos respondentes: “expressões tipo: barbaridade; cacetinho, brigadiano...” (06ccS), “Algumas interjeições: Bah!, Tchê!, Tri! etc.” (95ilS); “vícios de linguagem como ‘né’ e ‘bah’” (123icS).

Os aspectos lexicais costumam ser altamente salientes, do ponto de vista da percepção e da indexicalidade, haja vista a produtividade de dicionários regionais (ISQUERDO, 2007).

¹¹ Vejamos alguns exemplos: “Esse boy gosta mesmo de futebol”, “Roubaram o celular do boy”. Além da referência original a “garoto, menino”, “boy” sofreu extensão de significado, passando a denotar “menina, garota” (“A boy ficou de vir”, “Essa boy é daqui?”) e também “namorado(a)” (“O teu boy estava no shopping”, “Vou sair com minha boy”). O termo pode referir também homens e mulheres adultos de idades variadas, caso em que é possível que apareça em contextos pejorativos (por exemplo, com a implicatura de que o indivíduo mencionado adota comportamento em desacordo com sua idade madura). Além disso, “boy” pode ser utilizado para animais, como em “Não tem jeito *de* alguém adotar a *boyzinha* lá?” (Referência a uma gata abandonada que estava para adoção. Fonte: comentário no Facebook encontrado na comunidade Amigos do Pelo) e como vocativo (com sentido similar ao de “cara”): “Boy, quer sair com a gente?”, “As boy tão tudo na festa, boy.” É interessante notar que a indicação de concordância de número em um sintagma nominal nucleado por “boy” tende a receber marca plural apenas no determinante, como em “Os boy tiravam onda”, “Eu falei com umas boy da escola”, e que é comum o emprego dessa forma no diminutivo: “O boyzinho gosta daquilo, então beleza!”, “Eu fiquei com duas boyzinha na balada”.

4 Conclusão

O levantamento dos fenômenos linguísticos que indexam significados regionais, segundo a apreciação de estudantes universitários de diferentes cursos, visa contribuir para as discussões a respeito da diversidade linguística brasileira em termos de regionalismos. Consideramos que esse pequeno recorte avaliativo ressoa uma representação linguística fortemente influenciada pela forma como a instituição escolar tem produzido discursos sobre a língua portuguesa (e os diversos falares presentes no Brasil).

O papel da escola, nos cursos de formação de professores (cursos de Letras), se releva, na medida que ao mesmo tempo em que os respondentes a apropriação de teorias (sócio)linguísticas para caracterizar a sua percepção linguística, também refletem, ainda, um discurso sobre a língua dominante.

Do ponto de vista empírico sociolinguística da produção e da percepção são diferentes: nem sempre os fenômenos variáveis mais frequentes são os mais percebidos pelos falantes, relevando a necessidade de estudos que correlacionem a saliência de fenômenos do ponto de vista da produção com a saliência do ponto de vista da percepção. Assim, como os brasileiros falam não é a mesma coisa que como os brasileiros acham que falam, e a sociolinguística da produção, embora muito produtiva no cenário nacional, ainda tem tarefas a cumprir, que emergem em estudos de crenças e atitudes, como o aqui empreendido.

Embora tenhamos apresentado uma lista individualizada de fenômenos vinculados aos níveis fonológico (segmentais, suprasegmentais e prosódicos), morfosintático e lexical, tais fenômenos devem ser vistos de maneira agrupada, em busca de um olhar mais orgânico sobre as especificidades (sociais, ideológicas e psicológicas) que ajudam a definir as maneiras como os brasileiros valoram suas práticas discursivas. Aliás, consideramos pertinente considerar não apenas os usos linguísticos que emergem como estereótipos ou marcadores para diferentes comunidades linguísticas, mas considerar comparativamente tais avaliações, de forma a compreender o que leva certas formas linguísticas a indexarem significados identitários e ideológicos que marcam diferenças sociais e, por vezes, tensões sociais.

REFERÊNCIAS

- AGUILLERA, V. A. Crenças e atitudes linguísticas: quem fala a língua brasileira? In: RONCARATI, C., ABRAÇADO, J. *Português Brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*, v. 2. Niterói: EdUFF, 2008, p. 311-333.
- ARAGÃO SOUZA, G. G. *Palatalização de oclusivas alveolares em Sergipe*. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Sergipe, 2016.
- BARCELOS, A. M. F. Reflexões acerca da mudança de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 7, n. 2, p. 109-138, 2007.
- BATTISTI, E.; DORNELLES FILHO, A. A. Palatalização das plosivas alveolares em Flores da Cunha (RS): variação linguística e práticas sociais. *Alfa*, v. 56, n. 3 (2012), p. 1117-1149, 2012.
- BOTASSINI, J. O. M. Crenças e atitudes linguísticas quanto ao uso de róticos. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 12, n. 1, p. 85-102, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Brasília: MEC, 1998.

- BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. Os róticos no sul do Brasil: panorama e generalizações. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 11, n. 2, p.51-66, 2008.
- BRESCANCINI, C. R. A palatalização em coda em Florianópolis/SC: variáveis sociais. *Working Papers em Lingüística*, v. 16, n. 1, p. 75-97, 2015.
- BRESCANCINI, C. R. A redução de ditongos decrescentes seguidos por fricativa em coda no açoriano-catarinense. *Português do sul do Brasil: variação fonológica*. Porto Alegre: Edipucrs, p. 34-49, 2009.
- BUSSE, S.; SELLA, A. F. Uma análise das crenças e atitudes linguísticas dos falantes do oeste do Paraná. *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 15, n. 1, p. 77-93, 2012.
- CARDOSO, D. P. *Atitudes linguísticas e avaliações subjetivas de alguns dialetos brasileiros*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2015.
- CASTILHO, A. T. A língua portuguesa no Brasil. *Alfa*, v. 1, p. 9-24, 1962.
- CASTILHO, A. T. Rumos da dialetologia portuguesa. *Alfa*, v. 18/19, p. 115-153, 1972.
- CORBARI, C. C. Crenças e atitudes linguísticas de falantes de Irati (PR). *Signum: Estudos da Linguagem*, v. 15, n. 1, p. 111-127, 2012.
- DIAS, E. O. Uso variável das oclusivas alveolares/t, d/em Florianópolis. *Working Papers em Lingüística*, v. 11, p. 1-19, 2010.
- ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics* 12/4, 2008. p. 453–476.
- EDWARDS, J. R. Language attitudes and their implications. In: RYAN, E. B.; GILES, H. (ed.). *Attitudes towards language variation: social and applied contexts*. London: Edward Arnold, 1982, p. 20-33.
- FISHMAN, J. Nationality-Nationalism and Nation-Nationalism. In: FISHMAN, J.; FERGUSON, C. A.; DAS GUPTA, J. *Language Problems of Developing Nations*. New York: Wiley, 1968. p. 39-51.
- FLAMENT, C. Consensus, salience and necessity in social representations—technical note. *Papers on social representations*, v. 3, n. 2, p. 97-105, 1994.
- FREITAG, R. M. K. Banco de dados falares sergipanos. *Working Papers em Lingüística*, n. 14, v. 2, p. 156-164, 2013.
- FREITAG, R. M. K. et alii. Avaliação e variação linguística: estereótipos, marcadores e indicadores em uma comunidade escolar. In: FREITAG, R. M. K.; SEVERO, C. G., GORSKI, E. M. (org). *Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos*. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2016, p. 141-160.
- FREITAG, R. M. K. et alii. Como o brasileiro acha que fala? Desafios e propostas para a caracterização do “português brasileiro”. *Signo y Señã*, n. 28, p. 65-87, 2015.
- FREITAG, R. M. K. Socio-stylistic aspects of linguistic variation: schooling and monitoring effects. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, v. 37, n. 2, p. 127-136, 2015.
- FREITAG, R. M. K.; MARTINS, M. A.; TAVARES, M. A. Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda: potencialidades e limitações. *Alfa*, v. 56, n. 3, p. 917-944, 2012.
- FREITAG, R. M. K.; SANTOS, J. C.; SANTOS, S. Fio do canço: marca linguística identitária do itabaianense. *InterSciencePlace*, v. 1, n. 5, p. 1-13, 2009.
- FREITAG, R. M. K.; SNICHELOTTO, C. A. R. Análises contrastivas: estabilidade, variedade ou metodologia?. *Working Papers em Lingüística*, v. 16, n. 1, p. 157-169, 2015.
- GILES, Howard et al. Accommodation theory: Some new directions. *York Papers in Linguistics*, v. 9, n. 105, p. 1-30, 1980.
- HAUPT, C.; BERRI, A. O processo de palatalização na fala de florianopolitanos nativos em corpus de fala espontâneo e controlado. *Letrônica*, v. 2, n. 2, p.2-21, 2009.
- ISQUERDO, A. N. A propósito de dicionários de regionalismos do português do Brasil. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N.; ALVES, I. M. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: Ed. UFSM/Humanitas, 2007, p. 283-293.
- KERSWILL, P.; WILLIAMS, A. "Salience" as an explanatory factor in language change: evidence from dialect levelling in urban England. *Contributions to the Sociology of Language*, v. 86, p. 81-110, 2002.
- LABOV, W. *Sociolinguistic patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972.
- LE PAGE, R. B.; TABOURET-KELLER, A. *Acts of identity: Creole-based approaches to language and identity*. Cambridge: University of Cambridge Press, 1985.
- LEITE, Y. F.; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- LIMA, M. E. O.; SANTOS, E. V. Representações sociais do Brasil e identidade nacional. In: LIMA, M. O.; TORRES, A. R.; TECHIO, E. M. (org.). *Identidade nacional e representações do Brasil: abordagens integrativas*. São Paulo: Scortecci, 2016, p. 79-102.
- LUCCHESI, D. A realização do/S/implosivo no português popular de Salvador. In: RIBEIRO, S. S. C., COSTA, S. B. B., CARDOSO, S. A. M. (org.). *Dos sons às palavras: nas trilhas da língua portuguesa*. Salvador: EdUFBA, 2009, p.83-110.
- MEIRELES, A.; GAMBARINI, V. Tipologia rítmica de dialetos do português brasileiro. *Anais do Colóquio Brasileiro de Prosódia da Fala*, v. 1, n. 1, p.4-7, 2012.
- MELO, P. Influência da língua inglesa na fala do natalense. *Revista Letras de Hoje*, v. 6, n. 3, p. 149-158. 1971.
- MOTA, J. A metodologia na pesquisa geolinguística: o questionário fonético-fonológico. *Prolíngua*, v. 2, n. 2, p. 1-11, 2008.
- MOTA, J. A variação diafásica no português do Brasil. *Revista de Letras*, v. 24, n1-2, p. 70-74, 2002.

- NUNES, V. G.; DIAS, E. C. O. Sentenças interrogativas totais neutras e não-neutras no falar florianopolitano. *Working Papers em Lingüística*, v. 15, n. 2, p. 140-155, 2014.
- OUSHIRO, L. O que se diz e como se fala: Relações entre o discurso metalingüístico e a variação linguística. *Signo y Señal*, n. 28, p. 139-167, 2015.
- PAGOTTO, E. G. *Variação e (') identidade*. Maceió: EDUFAL, 2004.
- RAMOS, J. Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 5, n. 1, p. 103-125, 1997.
- RAMOS, L. M.; LIRA, Z. S.; ROAZZI, A. Accent and TV journalism: northeastern media communicators representations. *Revista CEFAC*, v. 17, n. 6, p. 1987-1999, 2015.
- SALOMÃO, A. C. B. Variação e Mudança Linguística: panorama e perspectivas da sociolinguística variacionista no Brasil. *Fórum Linguístico*, v. 8, n. 2, p. 187-207, 2012.
- SCHERRE, M. M. P. et alii. Usos dos pronomes você e tu no português brasileiro. In: *Anais do II SIMELP* (Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa). Portugal: Universidade de Évora, 6 a 11 de outubro de 2009.
- SCHERRE, M. M. P. Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista. *Tabuleiro de Letras*, n. 4, p. 1-32, 2012.
- SCHNEIDER, M. N. As (des) sonorizações e a neutralização da vibrante: atitudes e concepções lingüísticas. *Contingentia*, v. 3, n. 2, p. 77-88, 2008.
- SEVERO, C. G. A açucarada língua portuguesa: Lusotropicalismo e Lusofonia no século XXI. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 15, n. 1, p. 85-107, 2015.
- SEVERO, C. G.; SOUZA, C. M. N. Identidade e Língua na Ilha de Santa Catarina. In: SAVEDRA, M. G.; MARTINS, M. A.; HORA, D. (org.). *Identidade social e contato lingüístico no português brasileiro*. 1ed. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Faperj, 2015, v. 1, p. 13-36.
- SILVA, F. C. *Variação entre os pronomes tu e você na função de sujeito na fala de Natal (RN): uma abordagem sociofuncionalista*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2015.
- SILVA, T. B.; SIMIONI, T. O personagem Chico Bento como recurso didático e o que ele revela sobre os conhecimentos de variação linguística de professores e futuros professores. *Guavira Letras*, n. 21, p. 2015.
- SOUZA NETO, A. F. *As realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju/SE*. São Cristóvão: EdUFS, 2014.
- SPESSATTO, M. B. *Linguagem e colonização*. Argos, 2003.
- WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. *Empirical foundations for a theory of language change*. 1968.
- YAEGER-DROR, M. Linguistic analysis of dialect "correction" and its interaction with cognitive salience. *Language Variation and Change*, n. 5, v.2, p. 189-224, 1993.

HOW DO BRAZILIAN PEOPLE THINK THEY SPEAK? AN APPROACH TO SOCIOLINGUISTIC PERCEPTION OF UNDERGRADUATE FROM SOUTH AND NORTHWEST

Abstract: We analyze the cognitive component of linguistic attitudes towards Portuguese spoken in Brazil, considering the dialectal dimension (Northwest/South) and the school formation (general undergraduate students /undergraduate student of Languages). We observe that the sociolinguistics of production and of perception are different: not always the more frequent phenomena are perceived by speakers, which points to the need of more works which correlate the production salience of the phenomena with the perceptual salience.

Keywords: Perception. Linguistic briefes, Indexicality. Brazilian Portuguese.